

**O LAZER E O ESPORTE NA CIDADE MODERNA:
O cenário cultural de Belo Horizonte no início do século XX**

Marilita Aparecida Arantes Rodrigues
Programa de Pós-Graduação em História da UFMG - Doutorado

A vida social moderna é o foco de análise deste estudo. Nele, o lazer, o esporte e a cidade, fenômenos típicos da modernidade, são analisados no cenário cultural de Belo Horizonte, cidade construída no final do século XIX como “emblema da modernidade”.

Na busca do entendimento sobre a relação desses fenômenos com sua construção cultural, nas duas primeiras décadas do século XX, procuro representações de práticas de lazer – destacando os interesses esportivos – conformadas e relatadas por atores sociais envolvidos e mobilizados na constituição de uma cultura urbana moderna.

Assim, os caminhos delineados do estudo são na direção de uma história cultural do urbano, que procura captar e investigar, nas relações sociais instituídas na cidade, o entendimento sobre o modo de viver e de se divertir de seus moradores, que com suas ações, no decorrer de um tempo histórico, foram se apropriando da cidade e deixando marcas que podem traduzir a maneira como se relacionaram ou constituíram seu modo de vida.

A partir de fontes escritas – como jornais e revistas da época e produções históricas sobre a cidade – e iconográficas, busco responder, neste artigo, as questões centrais de interesse da pesquisa: Que papéis o lazer e o esporte representaram na modernização cultural de Belo Horizonte nos seus anos iniciais? Que interesses no lazer permearam a cultura da cidade? Quem tinha acesso a eles? E os interesses esportivos? Quais práticas eram reunidas em torno do que se denominava “esporte”? Como, quando e onde se originaram essas práticas? Quem tinha acesso a elas? As diferentes camadas sociais tiveram o mesmo acesso a tais práticas? E as mulheres? Em que tempo, em que lugar e a quais práticas esportivas elas tiveram acesso?

Para buscar respostas a essas questões, faz-se necessário o entendimento inicial sobre a cidade cenário deste estudo.

Belo Horizonte: a cidade moderna

Ao ser planejada para sediar a capital de Minas Gerais, no período de 1894 a 1897, Belo Horizonte se insere no contexto nacional e mundial das novas experiências sociais e urbanas que aconteceram no final do século XIX. Constituída como *uma das obras simbólicas de maior envergadura da República em Minas*, sua concepção se deu no momento em que o advento da República era visto como *um sinal de ruptura com o passado e início de um tempo que preconizava*

a modernização. O ideal republicano e a criação da cidade partilhavam de um código comum: *eram a expressão de um desejo de renovação da sociedade*.¹

Naquele momento, o País começava a viver a “aventura da modernidade”. Nos modos de vida produzidos por ela, eram desvencilhados de “todos” os tipos tradicionais de ordem social. Era o indício de um novo padrão de sociabilidade, marcado por descontinuidades que podiam ser caracterizadas por um *ritmo de mudança* acelerado imposto ao movimento, por um *escopo de mudança* que promovesse ondas de transformações que pudessem penetrar de forma globalizada e pela criação de instituições modernas *de natureza intrínseca* diferenciadas.²

Belo Horizonte foi criada atendendo às demandas da vida moderna que deveriam promover mudanças profundas na vida social e cultural dos mineiros. Baseando-se nos exemplos das cidades européias, propunha um novo padrão de sociabilidade voltado para o espaço público, cosmopolita e urbano. Seu projeto arquitetônico, além de projetar os espaços físicos, também projetava como seus habitantes se fixariam material e culturalmente na cidade.

Nesse sentido, autores que analisam a sua história são unânimes em destacar que a cidade procurava demarcar diferenciações sociais, para produzi-las e reproduzi-las. Em seu planejamento foram marcadas zonas, que funcionavam como instrumento para o controle da cidade, fixando limites que classificavam e hierarquizavam seu território. Para os habitantes da zona urbana – território elegante e acessível a poucos, com terrenos entregues às leis do mercado –, a cidade oferecia uma infra-estrutura moderna, onde viviam suas elites, que ali *construíam suas residências, faziam seus negócios e desfrutavam o seu lazer*. Nos subúrbios, zona desprovida de planejamento, viviam em casebres e cafuas as camadas mais ínfimas da sociedade.³

Em tese e de acordo com a experiência histórica de alguns povos, a cidade, a vida e os valores urbanos deveriam favorecer a prática republicana, que se caracterizava pela ampliação da cidadania. A República deveria apresentar um regime de liberdades civis, base necessária para o crescimento da participação política.⁴ Mas, em Belo Horizonte, todas as projeções do seu planejamento estavam afinadas a um projeto republicano conservador:

*Uma sociedade socialmente hierarquizada, marcada pela segregação social e por um poder disciplinar, que proclamava uma vida asséptica e higiênica, constituía, com certeza, uma cidade ideal para uma sociedade às voltas com a afirmação capitalista. [...] Não seria adequada a essa sociedade, que organizava a esfera pública, deixando à margem os setores populares, uma cidade capital cujo urbanismo segregava a pobreza para que a elite se apropriasse, com exclusividade, do espaço público?*⁵

Dessa forma, Belo Horizonte não escapou às contradições inerentes ao fenômeno da modernização. Leticia Julião nos ajuda a entender que,

construída para se tornar símbolo de um esforço emancipatório, a cidade ostentava, justamente, aspectos que negavam a civilidade. Nas ruas e esquinas planejadas da capital, a elite belo-horizontina vivenciou essa modernidade que

*nascia mutilada, repleta de paradoxos, fincada em irrealidades[...], mas eram experiências que pelo menos se aproximavam dos sonhos de cidade moderna, ao contrário dos ‘esquecidos’ do progresso, para quem a cidade monumento pouco contou, condenados como estavam à exclusão quase absoluta dos subúrbios.*⁶

Nesse sentido é que podemos observar que o único espaço de lazer planejado para a cidade – o Parque Municipal – acabou se transformando em espaço privado da elite, nos seus anos iniciais.

Mas que interesses no lazer permearam a cultura da cidade?

Os interesses no lazer na cidade

A busca pelo divertimento, nos momentos de descanso, pode ser sentida na cidade desde o período da sua construção, quando foi fundada a sua primeira sociedade recreativa, o *Clube Recreativo de Belo Horizonte*, criado pelo pessoal da comissão construtora, que usava o salão principal do escritório central da comissão para suas “partidas”. Essa comissão, na procura de *conforto e recreio para o espírito nos seus dias de permanência afanosa no arraial*, também se interessou em criar uma biblioteca – a *Sociedade Literária Belo Horizonte* – e um museu para deixar as suas lembranças – o *Museu Paula Oliveira*.⁷

Dentre os interesses no lazer, nos anos iniciais da cidade, o que se evidencia é o papel do teatro. Um velho rancho de tropas existente em frente à igreja da Boa Viagem, na época do arraial, já servia de palco para algumas apresentações teatrais, quando aqui aparecia alguma companhia. E, durante a construção da cidade, foi erguido o *Teatro Provisório*, um tosco barracão térreo, coberto de zinco, desprovido de conforto, onde se apresentavam diferentes companhias.⁸

Além do teatro, naquele momento, os belo-horizontinos podiam se divertir esporadicamente em touradas, cavalladas e circos de cavalinho que por aqui apareciam.

Mas a criação da cidade moderna representou, para os mineiros, uma mudança significativa nos hábitos de seus habitantes, como nos mostra a crônica de J. Antoine.

*Enfim, inúmeros eram os juízos deprimentes e injustos que se faziam a nosso respeito, e que foram desaparecendo, principalmente depois da fundação de Belo Horizonte – prova viva e palpável da nossa energia e iniciativa! Só, porém, depois de tal acontecimento, que seja dita a verdade, é que muitos hábitos foram sendo substituídos por outros mais de acordo com a época atual [...] - O império da valsa, meu amigo, vai decaindo sensivelmente... e hoje, o que está em dia nas rodas smarts, é o five o'clock, a palestra literária, etc. [...] Aqui [...], quem não dança e não recita não é um gentleman, não é um elegante! Quanto mais piruetas faz um rapaz em uma sala, quanto mais esbugalha os olhos em um recitativo, mais admirado é!*⁹

Na busca de se transformar num centro cultural privilegiado, a cidade procurou oferecer, cada vez mais, opções de lazer variadas. A sociedade nascente buscava hábitos e costumes das grandes metrópoles, que ofereciam a referência da modernidade imaginada para a cidade. Nesse sentido, Belo Horizonte foi palco para várias sociedades destinadas às reuniões recreativas, artísticas e literárias das famílias ricas em ascensão. Eram os clubes de estilo inglês, com salões

para festas e salas de leitura, construídos por iniciativa de particulares, que mantinham vínculo próximo com o Poder Público. Dentre essas sociedades, destaca-se o *Club das Violetas*, criado em 1898, que promovia periodicamente concertos vocais e instrumentais; o *Club Rose*, criado no mesmo ano; e o *Club Schumann*, que organizava concertos vocais e instrumentais. Vários outros foram criados na mesma época, e uma característica comum entre essas instituições foi o fato de serem efêmeras. Dentre os clubes, somente o *Club Bello Horizonte*, criado em 1904, está até hoje em funcionamento. As “partidas” dançantes do Bello Horizonte eram notícias em vários jornais, que descreviam sua decoração, as *toilettes* elegantes e o *buffet* servido. O Clube foi palco para freqüentes palestras literárias e, também, assunto de várias crônicas da época.

Representaram, também, papel relevante nos divertimentos na cidade os clubes carnavalescos, com destaque para *os Matakins* e *os Progressistas*.

Mas, inicialmente, mesmo com a oferta de diferentes opções de divertimento, as elites da cidade confinavam-se ao núcleo doméstico, ficando longe das experiências da modernidade que deveriam se realizar no espaço público da cidade. Só lentamente a sociabilidade foi ganhando a rua, as praças, os cafés, os clubes e o parque. Os jornais e revistas estavam sempre destacando essa apatia:

*Belo Horizonte já comporta muitas diversões, mas o povo prefere ficar em casa, a procura de momentos para de distrair o espírito. É um snobismo difícil de combater.*¹⁰

Os espetáculos circenses, mesmo depois da sua inauguração, ainda despertavam interesse no público belo-horizontino. As companhias eqüestres e tauromachicas que por aqui passavam estavam sempre nas manchetes dos jornais. Mas foram os prazeres do teatro, iniciados desde a época da criação da cidade, que passaram a fazer parte dos interesses da elite da cidade. Destaco o papel do *Teatro Soucasseaux*, inaugurado em 1900, e que, posteriormente deu lugar ao *Teatro Municipal*, em 1909. Outros espaços foram também representativos, como o *Theatro Circo Variedades* – onde se podia assistir trabalhos ginásticos, o cinematógrafo, boas pilherias e pantomimas – e o *Parque Paris*, pequeno teatro onde se apresentavam orquestras, atrizes, operetas e um moderno biógrafo – o precursor do cinema.¹¹ Nesse espaço surgiu a primeira sala de cinema da Capital.

O cinema, cujas fitas, inicialmente, eram acompanhadas de piano e violinos, teve grande sucesso na cidade, o que motivou alguns donos de estabelecimentos a criar espaços para esse lazer, que era uma nova forma de obter lucros. Assim, algumas salas foram improvisadas em salões e confeitarias, dentre elas, o *Cine Colosso*, que aparecia na imprensa para noticiar: *Para curar-se do tédio, comum neste meio insosso, só há na terra um remédio: Ir ao Cinema Colosso.*¹²

A partir de 1910, o cinema passa por uma nova fase, com a criação de salas luxuosas, ambientes propícios a encontros, à sociabilidade e à visibilidade pública, constituindo-se como um

importante elemento na construção de uma imagem moderna para a cidade e afirmando-se como um dos principais conteúdos do lazer. Com interesses na obtenção de lucros, foram criadas também salas não tão luxuosas, destinadas às classes populares, mais que também ofereciam possibilidades de uma sociabilidade pública visível como nas demais.¹³

Até então, o que encontrei de referência aos divertimentos populares foram críticas contra a violência policial a esses divertimentos, que eram realizados nas ruas e nos botequins, mas sempre vistos como casos de polícia. Os moradores da zona suburbana conviviam no seu dia-a-dia com a arbitrariedade e a violência policial. Eles tinham dificuldade de apropriar-se do espaço público no centro da cidade e o acesso aos espetáculos pagos era restrito.

Mas e o esporte? Que interesses permearam a sua cultura?

O interesse pelo esporte

Como fenômeno tipicamente urbano, o esporte moderno chega ao Brasil por intermédio de costumes de inúmeros imigrantes que foram se incorporando aos cenários a às cenas das nossas cidades, no final do século XIX. Belo Horizonte não ficou alheia a esse processo. A construção da cidade contou com a participação expressiva de operários estrangeiros, sobretudo de italianos.¹⁴

Abílio Barreto nos conta que a primeira tentativa de prática esportiva foi lançada em Belo Horizonte pelo *Clube 17 de Dezembro*, fundado por funcionários da comissão construtora. Em uma pista improvisada, executaram, em dezembro de 1985, os primeiros exercícios de *turf* na cidade.

Nesse mesmo período, outra modalidade esportiva passou a figurar nos interesses do belo-horizontino: o ciclismo. Ao adquirir uma bicicleta *Cliveland*, na qual percorria os serviços a seu cargo, Fernando Esquerdo foi o responsável por despertar o gosto por esse esporte. Criou-se, então, depois de inaugurada a cidade, um clube de corridas – o *Velo Clube* –, que congregava *os moços da melhor sociedade da capital*. Com esse clube, foi dado o primeiro passo em competições esportivas, que eram realizadas no Parque Municipal.¹⁵ A partir de então, anúncios de marcas de bicicletas vencedoras nos páreos passaram a figurar nos jornais da cidade.

Mas a modernidade sonhada para Belo Horizonte motivava a busca de novos espaços para a diversão, tendo como referência o Rio de Janeiro e São Paulo. Fez-se, então, a primeira tentativa de criar um hipódromo, em janeiro de 1898, sem sucesso. Só posteriormente foi fundada a *Companhia Anônima Derby Mineiro*, formada por *cavaleiros da nossa melhor sociedade*,¹⁶ que se propunha a realizar corridas em um prado:

Esta diversão é uma das mais apreciadas de todo o mundo. [...] Na capital da República é a diversão a que maior concorrência tem, subindo os jogos a altos preços nas importantes apostas. Na Inglaterra, França, Estados Unidos, Portugal e Espanha etc. as principais diversões são justamente as corridas de cavalos nos

*prados, para os quais a maior parte da população smart ou cup to date para lá se dirige.*¹⁷

Com o apoio da Prefeitura, construiu-se o *Prado Mineiro*, em cujo pavilhão foi dado o *aspecto esportivo dos grandes prados europeus*.¹⁸ A construção de uma linha de bondes permitiu que, no cenário urbano, aos domingos, um grande público pudesse buscar ali diversão.

O sucesso das suas corridas iria *fazer desaparecer os domingos insípidos e modorrentos da capital*,¹⁹ e Belo Horizonte, em bem pouco tempo, poderia rivaliza-se *com o Rio e outros centros civilizados*.²⁰

Várias manifestações esportivas apareceram no cenário da capital naqueles anos iniciais: o *lawn tennis*, o *criket*, *hockey*, o *box*, a luta greco-romana, o tiro e o bilhar, dentre outras. A presença do *croquet*, pode ser notada em fotografias da época, onde aparecem homens, mulheres e crianças, elegantemente vestidos, segurando o malho (*mallet*), uma espécie de martelo usado no jogo.

Mas foi o *foot-ball* que despertou o maior interesse na cidade, tornando-se uma das práticas sociais mais significativas do seu cotidiano. A modalidade esportiva chegou a Belo Horizonte por intermédio do carioca Vitor Serpa, acadêmico de Direito, que a aprendera na Suíça. Serpa chegou à capital em 1903 e, no dia 10 de junho seguinte, fundou, na companhia de amigos, a primeira agremiação de futebol da cidade, o *Sport Club Foot-Ball*.²¹ A partir de então, a imprensa passou a relatar os valores e prazeres da atividade física em crônicas e pequenas notas nos jornais, mas assumindo freqüentemente uma postura crítica em relação à verdadeira mania que estava acontecendo na cidade.

Dentre todas as modalidades esportivas na cidade, foi o *foot-ball* que, inicialmente, caracterizou-se como o mais elegante, derivando dele o adjetivo usado pelos mineiros – *foot-baller* – para caracterizar

*aquele que desejando manifestar o seu smartismo, nesta boa terra promove os celebres sports; e para melhor dominar esse meio burguês, veste-se no Wilk, a moda inglesa, casaco folgado, calças estreitas, botinas walk over, colarinhos Santos Dumond, gravata denier cri e chapéu de palha Borsalino – freqüentando diariamente o Acre e tomando sorvete no Maciel.*²²

Foi também o futebol que, inicialmente, criado no seio da elite da cidade, possibilitou a conquista da cidadania da população, outrora excluída do lazer planejado. O responsável por essa conquista foi o *Clube Atlético Mineiro*, que, a partir da aceitação de membros de qualquer classe social em seus quadros – embora nascesse elitizado como os outros – proporcionou um foco de integração social na nossa capital.²³

O *Club Bello Horizonte*, buscando satisfazer as necessidades de diversão da Capital, passou também a oferecer uma nova modalidade esportiva – o patins,²⁴ que ganhou novo impulso, quando em 1913, o prefeito mandou construir um *rink* na Praça da Liberdade. Além de promover o gosto por esses exercícios vistos como “salutares” na época, o seu objetivo maior era o de

*procurando interessar por esse gênero de sport, tão elegante, tão alvoso, tão em moda e sobretudo tão de acordo com a estação, os nossos mancebos e nossas formosas patrícias, pensou ele naturalmente em que esse era ainda o melhor meio de fazer convergir para os nossos jardins públicos um povo que até agora, valha a verdade, só tem mostrado por esses aprazíveis logradouros públicos a maior, a mais inexplicável e mais irreduzível aversão.*²⁵

E as mulheres?

Segundo Abílio Barreto, o gosto pelo ciclismo, nos anos iniciais da cidade, generalizou-se a ponto de ser praticado por senhoras e senhoritas, principalmente nos espaços do Parque Municipal. Mas, notícias sobre a presença feminina em jogos esportivos eram destacadas, na imprensa da cidade, somente pelo interesse de espectadora.

Os jornais esportivos dedicavam suas colunas ao público feminino apenas para fazer elogios à beleza e a graça feminina. *O Treno*, de 1918, criou inclusive uma seção – *Fox* – na qual, semanalmente, era *abrilhantada com a silhueta de uma senhorita patrícia, de preferência ‘torcedora’ de qualquer ‘club’ da nossa capital, e que fizesse parte do que havia na sociedade horizontina de mais belo, mais elegante e mais seleta.*²⁶

As torcedoras recebiam sempre destaque pela sua presença aos jogos.

*A radical mudança que, milagrosamente, se operou na sociedade horizontina, no que diz respeito às coisas de sports, é a mais bela vitória que o foot-ball conseguiu no seio de nossas famílias. O match Flamengo-America atraiu às arquibancadas do Prado número tão apreciável de famílias (as mais distintas de Bello Horizonte), que vale pela melhor recompensa dispensada á rapaziada do América. Ainda ha bem pouco tempo, as nossas gentis patrícias, ao verem os foot-balers de calção atravessando as ruas, achavam-nos ridículos, grotesco. Muitas vezes ouvimos críticas impiedosas que moças faziam de nossos sportmen. [...] Não há quem não saiba o entusiasmo que assistência fluminense sopra na alma do foot-baller. Não há emoção mais grata ao foot-baller do que pelejar com a pelota sob os olhares de uma donzela de ‘torça’ duplamente: para si e para seu clube. Felizmente, Belo Horizonte já tem um número considerável de ‘torcedoras’ que compreendem o foot-ball, que nos momentos de angústia deixam escapar uma interjeição que exprime a aflição, o sofrimento de verem o ‘goal’ de sua simpatia perigando.*²⁷

Mulher praticando alguma modalidade esportiva é notada após a criação do *Rink de Patinação* da Praça da Liberdade. Inclusive, segundo Portaria Municipal, eram reservados dias com horários exclusivos para as senhoritas, para que elas pudessem *adquirir certo desembaraço.*

*Em verdade o sport do rink está entrando nos hábitos dos nossos elegantes e de nossas gentis horizontinas. O que mais empolga a atenção de todos eram as silhuetas vaporosas e eretas de senhoritas que, com carretéis conscientes, iam e vinham, alegrando o ambiente e dando ao público a certeza de que a Capital se civiliza, dando as nossas jovens patrícias uma educação moderna de acordo com os mais salutareos preceitos da higiene física.*²⁸

O primeiro jornal esportivo da cidade – *o Foot-ball* – de 1917, narra a primeira competição feminina que encontrei nas fontes até então analisadas – um *match* disputadíssimo, entre as

combatentes nos jogos da Escola Normal, que se revelaram perfeitas *sportwomen*. A reportagem trata de jogos de *basket-ball* e *hockey*, que foram descritos em todas as suas nuances.

Só posteriormente, em meados de 1920, momento em que acontece um *boom* esportivo na cidade, a presença feminina no esporte passa a ser destacada. Nesse período, a crônica esportiva da cidade dava ênfase à notícia de que

*graças a Deus que as senhorinhas belo-horizontinas já se interessam pelas coisas do esporte. Não só animam com sua presença as pugnas atléticas, como praticam algumas modalidades esportivas. [...] o tênis também está fervendo. O court do Parque Municipal não chega para as encomendas. Toda manhã vai lá um bolão de gente. Na maioria moças e todas bonitas. E as que não são, (haverá moça feia na cidade Vergel), ficam logo lindas. E essa é a menor vantagem.*²⁹

Finalmente, diante dos fatos apresentados, acredito que a crônica assinada por ZUT, na revista *Novo Horizonte*, define bem as ambigüidades existentes em relação à modernidade vivida em Belo Horizonte.

*Dizem uns que Belo Horizonte vai bem; dizem outros que vai mal e eu digo que não vai nem bem nem mal. Proclamam uns que ele voa com asas de condor; lamentam outros a sua morosidade de jaboti; para mim ele nem voa e nem vai a passos demasiado vagarosos. Uns dão o nome de cidade moderna e elegante; outros chamam-lhe de aldeia; para mim ele não é uma perfeita cidade moderna, mas também não é uma aldeia: - fico sempre no meio termo, porque Belo Horizonte está num meio termo. Ele tem, não ha de negar, alguma cousa da urbs moderna, mas também muita coisa de cidade do interior.[...]Dispomos de um parque vasto e formoso que se presta ao SPORT e outros gêneros de diversão, mas nem ao menos um restaurante há ali onde se possa tomar um chop nos dias de verão. Assim é tudo mais...*³⁰

Dessa forma, o que fica evidenciado no estudo, que ainda encontra-se em andamento, é que tanto o lazer como o esporte foram significativos na construção da modernidade sonhada para a cidade. Mas o que merece destaque é que essa modernidade nasce mutilada em Belo Horizonte. A Capital não foi construída como um lugar, por excelência, da realização da cidadania. O lazer e o esporte constituíam privilégio de classe – direito de poucos. No desvelamento das as contradições inerentes ao fenômeno de modernização da cidade é interessante observar representações que falam da modernidade na cidade e outras que mostram a distância desse conceito em relação a ela. Chama a atenção os espaços criados especificamente para o lazer da “elite” da cidade e as perseguições aos “divertimentos” dos populares, e nas relações de gênero são destacadas as valorizações da prática esportiva do *sportman* e o espectadorismo da *sportwoman*, dentre outros.

Notas

- ¹ JULIÃO, Letícia. *Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 1992, 200 p. (Dissertação, Mestrado em Ciência Política.)
- ² GIDDENS, Antony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- ³ JULIÃO. *Op.cit.*, p. 80.
- ⁴ CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- ⁵ JULIÃO. *Op. cit.* p. 81-82.
- ⁶ JULIÃO. *Op. cit.*, p. 85.
- ⁷ BARRETO, Abílio. *Resumo histórico de Belo Horizonte (1701-1947)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1950. O Clube foi criado no dia 23 de julho de 1894.
- ⁸ BARRETO, Abílio. *Op. cit.* O teatro foi construído em setembro de 1895, na rua Sabará, e foi demolido em julho de 1887.
- ⁹ ANTOINE, J. Um baile no Club Bello Horizonte. *Diário de Notícias*, Belo Horizonte, 14 abr. 1907, n. 45, p. 1.
- ¹⁰ PRADO Mineiro. *A Gazeta*. Belo Horizonte, 7 maio 1908, n.15, p. 2.
- ¹¹ O biographo é um aparelho especialmente de vistas fixas, mas projetava também algumas cenas animadas, tipo lanterna mágica. Interessante é que os anúncios diziam: cinematógrafo falante que funcionava da seguinte forma: projetada a vista ou qualquer chapa, um indivíduo oculto nos bastidores, descrevia em voz alta a efígie, edifício, monumento ou panorama exibido. Cf. LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerários da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954*; estudo crítico e nota biográfica de Maria Ceres Pimenta S. de Castro. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995, p. 106.
- ¹² QUASI. Belo Horizonte, 23 out. 1910, n. 7, p. 1.
- ¹³ SOSNOWSKI, Alice de Salvo. Soirées chics nos jornais. In: CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola Castro et al. *Folhas do tempo: imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1886-1926*. Belo Horizonte: UFMG; Associação Mineira de Imprensa; Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997. p. 129-156.
- ¹⁴ BELO HORIZONTE: bilhete postal. Coleção Otávio Dias Filho. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro, 1997 (Coleção Centenário).
- ¹⁵ BARRETO. *Op. cit.*, p. 124. O Velo Clube foi criado 1898.
- ¹⁶ A EPOCHA. Belo Horizonte, 20 nov. 1904, n. 22, p. 3.
- ¹⁷ PRADO Mineiro. *A Gazeta*. Belo Horizonte, 10 abr. 1908, n.11, p.1.
- ¹⁸ FOLHA PEQUENA. Belo Horizonte, 25 nov. 1904, n. 254, p.1.
- ¹⁹ PRADO Mineiro. *Tribuna do Norte*, Belo Horizonte, 15 jul. 1906, n. 7, p. 1.
- ²⁰ PRADO Mineiro. *Tribuna do Norte*, Belo Horizonte, 30 ago. 1906, n.13, p. 3.
- ²¹ SIMÕES, Leandro Ferreira. O jornal e a bola: para onde foi a torcida. In: CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola Castro et al. *Folhas do tempo: imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1886-1926*. Belo Horizonte: UFMG; Associação Mineira de Imprensa; Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997, p.183. *O campo fora construído na Rua Sapucaí, próximo à estação ferroviária, e a primeira partida fora disputada entre dois times do próprio clube: O de Vitor Serpa e o do presidente da associação Oscar Americano.*
- ²² NA DANÇA. *A Notícia*, Belo Horizonte, 4 mar. 1909, n. 1, p. 1-2.
- ²³ SIMÕES. *Op. cit.*, p.181-202.
- ²⁴ TRIBUNA DO NORTE. Belo Horizonte, 11 ago. 1906, n. 11, p. 4.
- ²⁵ O ESTADO. Belo Horizonte, 24 de abr. 1913, n. 517, p. 1.
- ²⁶ O TRENO, Belo Horizonte, 30 mar. 1918, n. 1, p. 2.
- ²⁷ AS TORCEDORAS. *O Foot-ball*, Belo Horizonte, 13 set. 1917, n.1, p. 2.
- ²⁸ SECÇÃO SPORTIVA. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 mai. 1913, n. 325, p. 2.
- ²⁹ A CIDADE VERGEL. Belo Horizonte, ano I, n. 2, 1927.
- ³⁰ ZUR. *Chronica. Novo Horizonte*. Belo Horizonte, ano.1, n. 2, p. 61910.